



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

KARLA KÉSSYA DE SOUZA CAMPOS

**A CARACTERIZAÇÃO DAS MASCULINIDADES EM DOIS PERSONAGENS DO
ROMANCE *A FOME*, DE RODOLFO TEÓFILO**

**CAJAZEIRAS - PB
2019**

KALA KÉSSYA DE SOUZA CAMPOS

**A CARACTERIZAÇÃO DAS MASCULINIDADES EM DOIS PERSONAGENS DO
ROMANCE *A FOME*, DE RODOLFO TEÓFILO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito de avaliação para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

C198c Campos, Karla Késsya de Souza.
A caracterização das masculinidades em dois personagens do romance
A Fome, de Rodolfo Teófilo / Karla Késsya de Souza Campos. -
Cajazeiras, 2019.
44f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFPG/CFP, 2019.

1. Análise literária. 2. Masculinidade hegemônica. 3. Literatura. 4.
Nordestino. 5. A Fome. 6. Teófilo, Rodolfo. I. Ferreira Júnior, Nelson
Eliezer. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título.

KARLA KÉSSYA DE SOUZA CAMPOS

**A CARACTERIZAÇÃO DAS MASCULINIDADES EM DOIS PERSONAGENS DO
ROMANCE *A FOME*, DE RODOLFO TEÓFILO**

Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande.

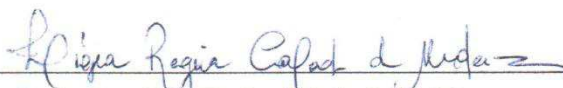
Aprovado em: 08/07/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Profa. Dra. Ligia Regina Calado de Medeiros

(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

A Deus, por ter sido tão benévolo para com a minha vida. Por sua infinita misericórdia e seu cuidado ininterrupto para comigo, **DEDICO**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ajudou em todos os momentos. Sempre me fez sentir amparada e cuidada por sua infinita Graça. Por ter sido o meu socorro, bem presente na hora da angústia.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior, que prontamente aceitou orientar-me no processo de construção deste trabalho. Por todos os seus direcionamentos, incentivos, apoio e colaboração. Serei sempre grata por ter disponibilizado o seu tempo para ajudar-me.

À minha mãe Maria Aparecida, meu pai Francisco Feitoza (Chico Legal), sem eles eu nunca teria chegado ao fim deste ciclo. Agradeço por acreditarem em mim, por terem sido minha base, meu sustento financeiro e emocional. Por causa deles fui direcionada a lutar por uma formação acadêmica, e por eles permaneci para alcançar esse objetivo.

A todos os meus familiares que, de forma direta e indireta, torceram pelo meu sucesso. Em especial ao meu avô José Secundino, enquanto esteve vivo sempre teve interesse em saber como estava sendo a minha trajetória no curso.

Ao meu marido João Batista, por sua paciência e apoio incondicional. Sua compreensão e ajuda emocional e financeira.

Às minhas colegas de classe Danilly, Edinete, Vanessa, Raquel, Jocimara, Mariana, Natália e Andreza. Agradeço pelas conversas para aliviar a tensão e por terem me ajudado ao longo do curso.

Agradeço ao meu amigo Leandro França, por ter emprestado suas apostilas para que eu pudesse acompanhar as aulas, sendo assim meu ajudador durante quatro anos. Obrigada por ter sido um bom ouvinte quando eu precisei desabafar. Agradeço pelo apoio, sobretudo, espiritual, pelos devocionais que foram feitos no ônibus. Sem contar, as conversas sem sentido que foram compartilhadas, apenas para amenizar o estresse.

Sou grata a todos os funcionários da instituição (UFCG) que de forma significativa me ajudaram nesta caminhada. Em especial a Mariana Rolim e Erivanira Alves, funcionárias sempre simpáticas. Aos professores da unidade acadêmica de Letras, que sempre foram meu referencial de capacidade e compromisso.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

A masculinidade é um tema relevante na sociedade. Todavia, pouco se é esclarecido sobre o seu contexto de construção e as imposições sociais existentes. Neste trabalho refletimos sobre as teorias que discursam sobre a masculinidade, nos detendo ao perfil hegemônico. Nosso objetivo é apresentar que existem padrões de masculinidades e destacarmos a existência de um perfil masculino hegemônico, para isso utilizamos a temática masculina que está inserida na obra *A Fome* (2011), do autor Rodolfo Teófilo, a fim de entendermos como esses padrões masculinos são apresentados na literatura. O contexto da obra analisada é um severo período de estiagem no Ceará. Por isso, nos detivemos, inicialmente, em falarmos sobre a questão da construção do Nordeste e como ele é representado na literatura e, em seguida, dialogamos com as teorias que tratam da masculinidade, desde o seu contexto geral, até o perfil masculino hegemônico do homem nordestino, culminando na análise da obra *A Fome*, no que diz respeito aos personagens antagônicos Manuel de Freitas e Simeão de Arruda. Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, de cunho analítico e descritivo, sendo qualitativa. Este trabalho tem como aporte teórico Connell (1995), Albuquerque Júnior (2011), Almeida (1996), entre outros. Como resultado da análise, compreendemos que existem masculinidades. Assim, o autor Rodolfo Teófilo constrói os personagens por meio de masculinidades distintas, em que Manuel de Freitas é valorizado por tentar alcançar o perfil hegemônico, mostrando ser esse o modelo correto; enquanto a masculinidade de Simeão de Arruda é desvalorizada; pois segundo o autor, ele não se preocupa com sua conduta.

Palavras-chave: Masculinidade hegemônica. *A Fome*. Literatura. Nordeste.

ABSTRACT

Masculinity is a relevant subject in society. However, just a little is known about its construction context and the existing social impositions. In this work we reflect on the theories that talk about masculinity, standing in the hegemonic profile. Our objective is to present that there are masculinity patterns and to emphasize the existence of a masculine hegemonic profile, for that we use the masculine theme that is inserted in the work *A Fome* (2011), of the author Rodolfo Teófilo, in order to understand how these masculine patterns are presented in the literature. The context of the work analyzed is a severe drought period in Ceará. For this reason, we initially focused on the question of the construction of the Northeast and how it is represented in literature, and then we talk with the theories that deal with masculinity from its general context to the hegemonic masculine profile of Northeastern man, culminating in the analysis of the work *A Fome*, with respect to the antagonistic characters Manuel de Freitas and Simeão de Arruda. This research is of a bibliographic nature, with an analytical and descriptive character, being qualitative. This work has as theoretical contribution Connell (1995), Albuquerque Júnior (2011), Almeida (1996), among others. As a result of the analysis, we understand that there are masculinities. Thus, the author Rodolfo Teófilo constructs the characters through distinct masculinities, in which Manuel de Freitas is valued for trying to reach the hegemonic profile, showing that this is the correct model; while the masculinity of Simeon of Arruda is devalued; because according to the author, he does not care about his conduct.

Keywords: Hegemonic masculinity. *A Fome*. Literature. Northeastern.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O REGIONALISMO E SUA HISTORICIDADE	12
1.1 NORDESTE EM EVIDÊNCIA	14
1.2 A PROJEÇÃO DA SECA NA OBRA A FOME	20
2 REPENSANDO A MASCULINIDADE E SEUS PARÂMETROS	24
2.1 A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE	25
2.2 COMPREENDENDO O CONCEITO DE MASCULINIDADE HEGEMÔNICA	28
2.3 A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA DO SEMIÁRIDO CEARENSE.....	32
3 ANÁLISE DO PERFIL MASCULINO DOS PERSONAGENS MANUEL DE FREITAS E SIMEÃO ARRUDA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Na literatura é possível identificarmos a presença de várias temáticas que se ligam aos aspectos formais do texto. Considerando que os assuntos abordados são social e literariamente relevantes, elencamos para nossa discussão e produção desta pesquisa a presença da masculinidade na literatura.

É perceptível que a literatura reproduz aspectos culturais, porém nos processos de criação e de leitura não há neutralidade, pois tanto os produtores como os leitores deixam suas impressões registradas, mesmo que isso ocorra de forma sutil.

Desta forma, por meio das obras, por exemplo, autores constroem personagens que adquirem novos sentidos mediante o seu contexto de uso. Assim, nas narrativas literárias é possível identificar sentidos múltiplos que permitem novas abordagens pela crítica.

Dessa maneira, constatamos que as relações de gênero é um assunto significativo e que os autores literários fazem uso desse tema nas suas produções, independente do grau de consciência que se tenham desse uso. Diante disso, este trabalho recorre, por meio do acervo teórico, à análise das relações de gênero, nas quais é evidente a existência da subjugação feminina. Todavia, nessa pesquisa, objetivamos mais restritamente tomar como base os padrões existentes da masculinidade que os homens tentam seguir.

No que se refere aos padrões masculinos, é preciso destacarmos que eles são considerados responsáveis por ditar aos homens quais emoções devem deixar transparecer, ou ocultar; quais tarefas sociais eles devem praticar; os comportamentos que eles devem exercer nos relacionamentos, entre outras normas.

Considerando que existem modelos de masculinidade, esta pesquisa tem como proposta analisar dois personagens da obra *A Fome* (2011): Manuel de Freitas e Simeão de Arruda, a fim de questionar como a literatura aborda os traços pertencentes ao tipo e contratipo masculino, evidenciando os perfis antagônicos, para que possamos entender quais padrões masculinos são rechaçados e quais são valorizados na obra de Rodolfo Teófilo.

No romance *A Fome* está retratado o grande período de seca no Ceará nos anos de 1877-1880. A narrativa é construída mostrando os obstáculos que os

retirantes precisavam ultrapassar para chegarem ao local considerado a única chance para sobreviver: Fortaleza, CE. Mediante a isso, o romance é feito pelo autor com a preocupação em detalhar não só o sofrimento dos sertanejos, mas em mostrar as atitudes que o homem, considerado como detentor do perfil ideal, faz para garantir a sobrevivência da família. Assim, justificamos a relevância da pesquisa por tratar de um assunto pertinente à sociedade e principalmente por sua importância para a caracterização dos personagens Manuel de Freitas e Simeão de Arruda.

Os padrões de masculinidade, por ser algo que já se encontra enraizado, muitas vezes são esquecidos como existentes. Muitos homens justificam suas ações fazendo menção a existência do “papel social”, embora teóricos há tempos já anunciavam olhares críticos sobre isto. Certos padrões continuam tendo grande influência social. Isto acontece quando os homens fazem uso dos ideais de masculinidade que lhes são transmitidos e não se questionam, e algumas mulheres aceitam serem dominadas, por terem aprendido que esta é atitude certa a ser feita, pois é considerado o papel da mulher: a submissão. Em meio a estas imposições, é possível perceber, ainda, que muitos homens sofrem por não poderem conseguir moldar-se aos princípios ditados como pertencentes ao gênero masculino.

Questionar a existência dessas regras, cujo objetivo é servir de modelo base e “inquestionável”, é necessário para que possamos compreender a dinamicidade das relações de gênero e as diretrizes que envolvem o universo dos homens.

A problemática que nos norteou para a produção deste trabalho se alinha aos seguintes questionamentos: De que forma a literatura apresenta a temática da masculinidade nas suas produções? Como ocorre o processo de construção da masculinidade no romance *A Fome*? Quais padrões masculinos são considerados corretos e quais são criticados na obra?

Na tentativa de responder a estas indagações, recorreremos ao aparato teórico Connell (1995), Albuquerque Júnior (2011), Almeida (1996), entre outros. No primeiro capítulo, refletimos sobre o Regionalismo, a projeção e caracterização do Nordeste; no segundo capítulo, discorreremos sobre o conceito de masculinidade e, nos aprofundamos no conceito de masculinidade hegemônica nordestina; o terceiro e último capítulo é destinado à análise dos personagens Simeão de Arruda e Manuel de Freitas, da obra *A Fome*.

No que diz respeito ao tipo e natureza do estudo, esta pesquisa é bibliográfica, de cunho analítico e descritivo, sendo qualitativa. Tendo como corpus, a obra *A Fome*, do autor Rodolfo Teófilo. O acervo teórico utilizado foi de suma importância, pois através dele fundamentou-se as ideias base, para que culminássemos na análise dos personagens.

Temos como objetivo geral expor por meio da análise como a cultura da masculinidade é refletida na obra *A Fome*. Para tanto, utilizamos os seguintes objetivos específicos: investigar a existência dos padrões de masculinidades no romance em questão, analisar dois personagens do romance através do processo de construção do perfil hegemônico do homem nordestino pertencente ao semiárido cearense, verificar qual perfil masculino é valorizado e qual é repudiado na obra *A Fome*.

Por conseguinte, tentamos mostrar que existe uma elevação do perfil de Manuel de Freitas em detrimento ao de Simeão de Arruda, com isso queremos destacar que essa oposição faz parte da existência de um perfil hegemônico.

Além disso, objetivamos mostrar na análise em quais pontos os personagens masculinos Simeão de Arruda e Manuel de Freitas se distanciam, embora tenham o mesmo gênero. Assim queremos discutir a existência da pluralidade masculina, ainda que exista um padrão considerado “adequado”, o perfil masculino hegemônico.

Para a análise, elencamos alguns atributos dos personagens que estão presentes na obra *A fome* e que distanciam Simeão de Arruda e Manuel de Freitas. São eles: força física, honra, responsabilidade, domínio e virilidade.

Finalmente, pretendemos, por meio desta pesquisa, mostrar a associação existente entre a literatura e a masculinidade, pois ao analisarmos cada signo masculino dos personagens, torna-se evidente qual deles é considerado pelo autor, o homem mais próximo do perfil masculino hegemônico. Também, desejamos contribuir para novos olhares sobre a obra *A Fome*, pois além de ser uma obra com aspectos regionalistas, queremos que a presença do diálogo sobre masculinidade torne-se algo notório, a fim de que percebamos as importantes contribuições tanto da literatura nas relações de gênero quanto das relações de gênero na literatura.

1 O REGIONALISMO E SUA HISTORICIDADE

Para abordarmos o Regionalismo, faz-se necessário lembrarmos o processo de Colonização do Brasil. A história nos mostra que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, após ter extraído tudo que lhes parecia útil, perceberam que era necessário fazer dessa nação o seu lar. Todavia, essa constatação não aconteceu de forma imediata. O que, de fato, obrigou os portugueses a fazerem desta terra sua morada, foi a perseguição francesa. Os franceses, tendo como líder Napoleão Bonaparte, ameaçavam a nação portuguesa. Por causa da iminente invasão, D. João, príncipe regente de Portugal, decide fugir e vir com a família imperial para a mais promissora colônia, o Brasil.

Ao chegarem neste “paraíso tropical” perceberam a ausência da cultura que, até então, estavam acostumados. Para satisfazerem seus desejos, a literatura no Brasil, passou a ser produzida segundo os moldes europeus. Com o decorrer dos anos, o que se havia de parâmetro para a construção da literatura nacional e todo contexto cultural, não condizia com a realidade nacional brasileira, mas, com a nação europeia.

No decorrer da história, percebe-se que “[...] desde o Romantismo, com a valorização do *genius loci*, um fato de maior significação foi a crescente importância do Brasil regional” (COUTINHO, 2004, p. 234). Com o intuito de desligar-se da cultura eurocêntrica, os intelectuais brasileiros passaram a trabalhar com a diversidade existente no país. Contudo, o regionalismo abordado pelos românticos, muito se difere do que é apresentado pelos intelectuais realistas.

Com o propósito de enfatizar os aspectos propriamente brasileiros e de distanciar-se da cultura europeia, surgiu o Regionalismo na perspectiva realista. É possível ter algumas noções do que se conceitua por Regionalismo. Em primeiro lugar, a obra é considerada regional ao retratar uma região específica. Em seguida, pode ser tida como regional por apresentar os fatores que são inerentes a uma região, tais como: clima, flora, fauna, entre outros. Contudo, a característica observada como sendo relevante é “[...] das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Esse último é o sentido do regionalismo autêntico” (COUTINHO, 2004, p. 235).

Nessa perspectiva, entendemos que a valorização da abordagem realista na literatura foi fator de grande relevância para produzir um Regionalismo que fosse de encontro ao que foi produzido pelo Romantismo. O Realismo, por sua vez, passou a não considerar como fator essencial os sentimentos, mas, trouxe à tona “[...] a linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região particular, consideradas em relação às reações do indivíduo, herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição” (COUTINHO, 2004, p. 235). Sendo assim, as regiões brasileiras passaram a ser objeto de análise dos autores. Eles passaram a usar nas suas obras a linguagem típica das regiões, os conflitos existentes e os tipos humanos.

Desse modo, passou a ser concebida uma literatura alicerçada nos costumes das diversas regiões do país. Não obstante, era preciso criar um personagem para ser considerado o herói regional, pois havia uma necessidade de apresentar um arquétipo que fosse capaz de superar os obstáculos naturais, um ser provido de força e sagacidade. Sendo assim, o papel de herói nacional, que por muito tempo foi do índio, passou a ser ocupado pelo homem sertanejo. Como afirma Coutinho (2004, p. 237), “[...] o sertanismo é uma reação nativista mais vigorosa do que o indianismo, e sobretudo mais autêntica, porque é baseada numa realidade nacional mais entrosada na trama da nossa civilização.”

A partir das diferenças de cada região foi sendo configurado uma literatura única deste país, que se distanciou da cultura europeia e se construiu, tendo como base a diversidade brasileira. Para o teórico (2004, p. 237), “o Regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional.” Assim sendo, este movimento não tinha como eixo central o espaço geográfico, mas sim as culturas provenientes de cada lugar. As regiões, entre elas Norte e Sul, analisadas no regionalismo foram conceituadas como ciclos culturais, estes, por sua vez, são denominados de Ciclo nortista; Ciclo nordestino; Ciclo baiano; Ciclo central; Ciclo paulista; e Ciclo gaúcho (COUTINHO, 2004).

Para além destes, Coutinho (2004), mostra que existe um subciclo, que é formado pelo Rio de Janeiro e a zona suburbana, que foram cenário de muitas obras, sendo, por este motivo, consideradas províncias literárias. Entre os autores que as colocaram na ficção literária estão: Lima Barreto, J. M. Macedo, Machado de Assis e outros.

Apesar da existência desses vários ciclos nos mostrarem que o Regionalismo teve como fonte cultural os aspectos de cada região, este trabalho irá ter como ponto central o Regionalismo produzido pela cultura nordestina, para tanto, é necessário analisar como se deu a construção dessa região, como será visto no tópico a seguir.

1.1 NORDESTE EM EVIDÊNCIA

O Nordeste é uma região, cujo processo de construção foi sistemático. Para que ele ganhasse o perfil que se tem hoje foram necessários planejamentos e inúmeras discussões. Para entendermos melhor essa produção, é relevante sabermos que ela só teve início, após a primeira guerra mundial.

No século XX, surge no Brasil a curiosidade de conhecer o país na sua inteireza, até então, ele era visto como uma nação cheia de fragmentos distantes geograficamente e culturalmente. Nessa perspectiva, com o nacionalismo aflorado é disseminado no país a ideia de que é preciso conhecer a inteireza nacional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Segundo o autor (2011), para que esse plano tivesse êxito, foi criada uma Enciclopédia Brasileira para reunir as informações obtidas sobre as regiões do Brasil. Este material seria de suma importância para essa política de nacionalização, pois acreditava-se que, para que o Brasil conseguisse ter êxito econômico, era importante uma unificação nacional.

Essa ideia, a priori aparentava ser neutra e desprovida de interesses, contudo, entendemos que era uma ação política, que já tinha arquitetado o plano de que uma região deveria se sobrepôr a outra. É evidente para nós que, desde o início da história do Nordeste já existia um discurso bem planejado para que essa região tomasse a imagem que se tem hoje. Com certeza, os interesses dos políticos e da elite nordestina eram colocados em primeiro plano. Já os sertanejos que sofriam com as dificuldades da aridez, só serviam de imagens para validar os discursos.

Notamos, portanto, que aos olhos da nação brasileira, existia um território inexplorado, estranho e constituído de uma cultura que distanciava-se do que era conhecido pela região sul. O Nordeste era considerado estranho e atrasado.

Albuquerque Júnior (2011, p. 56) diz que os intelectuais Oliveira Vianna e Dionísio Cerqueira e outros, viam os nordestinos como seres desprovidos de intelecto e aparência. “Eles consideram a miséria uma consequência do encontro entre um habitat desfavorável e uma raça, fruto do ‘cruzamento de indivíduos de raças extremas e da submestiçagem’”. O Nordeste era indubitavelmente considerado como região inferior às demais.

Sendo assim, conhecer as particularidades de cada região era tarefa indispensável no século XX. Para tanto, surge a formação discursiva nacional-popular, na qual existia uma emergência de se conhecer a nação, formá-la, integrá-la. Os diversos discursos regionais passaram a ser disseminados pela mídia, na tentativa de fazer com que os costumes, as crenças, as relações sociais, pudessem representar o modelo a ser generalizado para o restante do país; para que houvesse a unificação do país, a partir do conhecimento total de seus territórios.

É perceptível que, a formação discursiva nacional-popular tinha um objetivo: unificar o país, mas para que isso acontecesse era preciso extrair de cada lugar seus costumes, símbolos, mitos. Todavia, essa ação não era de toda eficiente, pois na busca por uma integração, as diferenças eram apresentadas, o que enaltecia a fragmentação das regiões. Desta forma, apresentar as particularidades de cada região, não era a solução mais eficaz para unificação da nação, pois cada região mostrava ser estranha à outra.

Ao tratar da região Nordeste, alguns elementos foram escolhidos como sendo inerentes a cultura nordestina, tais como: o cangaço, o messianismo, o coronelismo; elencados para serem os distintivos desta região. Apesar disso, os estereótipos escolhidos não eram totalizantes para fornecer ao país as configurações do Nordeste. Além disso, os elementos que foram elencados para fazerem parte da identidade do Nordeste, foram escolhidos segundo interesses, não houve uma neutralidade para fazer essa seletiva. Porém, este discurso tornou-se tão persuasivo, que, tentar fazer uma nova configuração acerca desse espaço não é algo fácil.

Quanto à literatura regionalista, esta apresentava uma tentativa de unificar o Brasil por meio das especificidades de cada região. A produção literária regional objetivava apresentar de forma fidedigna o espaço geográfico através de suas particularidades. Conforme descreve Albuquerque Júnior (2011, p. 66).

A produção regionalista do início do século evidenciava o projeto naturalista-realista de fazer uma literatura fiel à descrição do meio. Meio que se diferenciava cada vez mais e se tornava cada vez menos natural com o avanço das regiões burguesas. Este naturalismo teria dado origem, no Brasil, a um estilo tropical emocional, sensual, de produzir literatura. Nossa literatura seria diferente da fria e decadente literatura europeia, pela própria influência que o meio e a raça exerciam sobre nossa escritura e nossa psicologia.

Embora a ideia de apresentar os aspectos distintivos de cada região, a fim de unificar a nação, pareça ser paradoxal, parte-se do pressuposto que a nação brasileira é detentora da diversidade, sendo este um fator importante. Portanto, os fatores pertencentes a cada espaço deveriam ser disseminados para todo o país. A obra que marca a postura de valorização do que, de fato, é propriamente brasileiro chama-se *Os Sertões* de Euclides da Cunha. A respeito dela tem-se: “[...] os críticos vão atribuir a este livro o início da procura pelo verdadeiro país, pelo seu povo, tendo posto por terra a ilusão de nos proclamarmos uma nação europeia e mostrado a importância de sermos americanos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 66).

Diante disso, fica claro a importância da obra *Os Sertões*. No livro estão presentes as dicotomias que foram e tem sido motivo de discussões, são os opostos Paulista e Sertanejo; litoral e sertão. O sertão é exposto como o local livre de influências estrangeiras, o refúgio nacional; ao passo que o litoral tem sua cultura manipulada pelos costumes europeus. A cultura sertaneja é tida como própria, distinta e serve de base para todo o país.

Apesar do sertão ser retratado como fonte cultural, havia uma lacuna a ser preenchida nesse território. Para os escritores Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, havia nesse espaço geográfico a ausência de civilidade. Monteiro Lobato deixa sua constatação evidente no livro *Urupês*. A obra foi a primeira a criticar o regionalismo existente, chamava a atenção para alguns aspectos dessa região, tais como: falta de modernização, homens pobres, preguiçosos e que não tinham perspectiva. Lobato acreditava que a solução para esses problemas estaria na civilização nacional, desprovida de interferências da Europa (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Na busca incessante de produzir o que pode ser apresentado como Nordeste, as ideias defendidas pelo regionalismo naturalista deram espaço para uma nova perspectiva, o Modernismo. Nessa perspectiva, são adicionados como

representantes do Nordeste outros símbolos, um deles foi o cacto, ele passou a ser a imagem do que é nacional e real dessa sociedade.

É notório que o Nordeste foi configurado, estruturado e organizado para apresentar-se, tal como é reconhecido. Sua construção se deu por meio de interesses e intenções. Até se originar a imagética do Nordeste, muito foi discutido, discursos foram propagados, interesses foram levados em consideração para montar o marketing dessa região.

Para que seja claro o processo de construção do Nordeste, Albuquerque Júnior (2011, p. 80) afirma que: “O Nordeste nasce da construção de uma totalidade político-cultural como reação à sensação de perda de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão, dos comerciantes e intelectuais a eles ligados.” Há a necessidade de atrair a atenção para este espaço, não por causa do povo, ou das necessidades deles, mas para suprir interesses dos políticos e fazendeiros; o povo seria a imagem a ser vendida, mas, não seriam os beneficiados com qualquer ajuda que por ventura viesse.

Neste cenário de interesse e poder, a seca passou a ser o marco principal desta região. A falta de chuva e suas consequências eram mostradas como dificuldades desse território. Era posto em evidência: o gado padecendo por falta de água, o solo seco, as crianças chorando, os pais desolados, por não terem uma solução. A respeito disso, o autor (2011, p. 81) mostra que:

O termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área.

A seca foi o elemento escolhido, para ser apresentado pelo campo midiático, a fim de mostrar para o restante do país, principalmente para o Sul, os problemas enfrentados nesse espaço geográfico. O objetivo era mostrar para o Sul, somente as mazelas que ocorriam no Nordeste, a fim de despertar a compaixão e dar início a uma campanha de arrecadação para o “povo pobre e sofrido”. Essa propaganda fez

com que as pessoas, ao pensarem nessa região, incorporassem a ela: a fome, o flagelo, o desespero e a pobreza.

Vale ressaltar que, até o início do século XX não havia a distinção entre Norte e Nordeste. Segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 83), “o Nordeste nasce do reconhecimento de uma derrota, é fruto do fechamento imagético-discursivo de um espaço subalterno na rede de poderes, por aqueles que já não podem aspirar ao domínio do espaço nacional”. O auxílio para as dificuldades existentes não tinha efeito necessário, enquanto existissem os vários “nordestes”.

Para validar o recorte desta região, o autor (2011) afirma que surgiu em 1926 um movimento cultural, conhecido como regionalista e tradicionalista, que tinha como interesse instituir uma origem para o nordeste. O movimento passa a ser determinante para a explicação do surgimento da região, visto que, sua origem passou a ser baseada em fatores históricos e culturais, no lugar dos elementos naturais como a seca.

Com o intuito de discutirem as dificuldades, em 1920, em Recife, é realizado o Congresso de Produtores de Açúcar. No Congresso, torna-se nítido o confronto entre São Paulo e Nordeste. Além das intempéries já apresentadas, o Nordeste tinha algumas dificuldades a serem resolvidas: O cangaço e as revoltas messiânicas. Tais rebeliões, de fato, não eram a postura correta a serem tomadas, porém, o povo estava padecendo e não recebiam a ajuda necessária dos responsáveis, revolta e luta eram as únicas ações que lhes eram, aparentemente, viáveis.

Nesse processo de validação do Nordeste Gilberto Freyre passa a ser figura importante, mostrando os aspectos que fariam parte da identidade dessa região, são eles: fundação da faculdade de Direito, a forte atuação do Diário de Pernambuco, Insurreição Pernambucana, invasão holandesa, entre outros marcos regionais. O Centro Regionalista do Nordeste foi uma importante fundação, pois nele aspectos constitutivos da tradição e cultura foram analisados e resgatados.

Consoante Albuquerque Júnior (2011, p. 100), “o movimento Regionalista e Tradicionalista de Recife teve início, oficialmente, com a fundação do Centro Regionalista do Nordeste, em 1924”. Todavia, não estavam presentes apenas intelectuais representantes das artes e culturas, havia os interessados pela política local e nacional. Apenas em 1926, o movimento ganhará o aspecto cultural e

artístico, isso acontece com o Congresso regionalista de Recife, tendo como organizador Gilberto Freyre.

Esse importante personagem da história real do Nordeste, vai destacar as questões sociais, que até o momento não haviam sido debatidas. Traz à luz o dono de terra, a mulher que faz renda, as figuras sociais deste contexto. O que seria apresentado, não era mais a seca expressiva, mas o povo dessa região, seus costumes e suas estratificações sociais.

Ao trabalhar com o social, percebe-se a necessidade de preservar a cultura nordestina, organizar e propagar para o presente e o futuro seus atributos. Para que essa tarefa tivesse êxito, os intelectuais acreditaram ser fundamental fazer isso através da memória coletiva e individual. A memória passou a ser objeto de estudo para a produção sociológica. A partir das lembranças do passado, dos aspectos do presente irá ser construído o Nordeste, considerando as formas de relações sociais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Essa concepção objetiva trazer à tona o passado, projetá-lo no presente e perpetuá-lo para o futuro. A intenção, na verdade, era ter uma tradição neutra, desprovida de possíveis estrangeirismos. Parte-se do pressuposto que a memória é responsável por conter os fragmentos importantes da história. Nela estão presentes aspectos relevantes, que devem ser preservados e perpetuados para as próximas gerações.

Desta forma, afirma o autor (2011, p. 97), “a intenção inicial de escrever a memória de seu avô, como contribuição para que as novas gerações não esquecessem estes homens que haviam feito a glória de uma época na região”. Essas nuances servirão de temas para diversas obras. Gilberto Freyre se apropriou da temática para desenvolver seus romances. O olhar para o Nordeste passou a ser a partir da casa-grande, como faziam os avós, os senhores de engenhos e os fazendeiros.

Nesse contexto, passou a existir uma nova preocupação: entender a alma da terra, e os aspectos espirituais e sobrenaturais. O tempo é visto como algo solúvel, transitório, em que as marcas significativas estão presas no passado. Um dos grandes nomes para essa temática é Rachel de Queiroz, defensora dessa perspectiva. “Para Rachel, a dimensão do tempo é aflitiva para o homem, pois seus únicos marcos são as lembranças, cujas testemunhas são as pessoas que também

passam, também se transformam” (ALBUQUER JÚNIOR, 2011, p. 97). Assim, o homem é refém do tempo, totalmente submisso a ele.

Concomitantemente a construção da imagem do Nordeste, o país estava sendo influenciado por um novo movimento, denominado de Modernismo. Freyre era totalmente opositor as ideias de unificação defendidas pelo Modernismo. Ele acreditava que ser moderno era preservar os conteúdos e trabalhar como diferentes formas. O Nordeste era visto como a única região propriamente brasileira, por não apresentar influências da Europa.

Na busca de um fator que caracterizasse o Nordeste, Freyre (1926 *apud* ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), destaca a família patriarcal como elemento de grande influência para a organização da sociedade. A família era vista como órgão social responsável por regularizar todas as dificuldades existentes e detentora de poder suficiente para unir a sociedade brasileira.

Diante disso, surge a necessidade de destacar na família patriarcal nordestina um herói, ele deveria ganhar destaque e ser louvado. Conforme Albuquerque Júnior (2012, p. 19) “[...] assim como nada na história é fruto de apenas uma causa simples e imediata, penso que a emergência de algo como um ideal de masculinidade, bússola de orientação [...] só pode ser o resultado de complexas elaborações culturais.” Desta forma, a masculinidade passa ser um perfil, um distintivo dessa região. Foi elaborado e arquitetado para ser um padrão. Foi um ideal criado e deve ser seguido pelos nordestinos, servirá de regra para execução dos seus atos e comportamentos.

Esse perfil masculino foi idealizado e deveria ser praticado, sobretudo, em uma região de clima quente, onde a seca é um obstáculo a ser vencido. Assim, percebemos a necessidade que há em mostrarmos como esse fator climático é representado na obra em questão e isto será feito no capítulo seguinte.

1.2 A PROJEÇÃO DA SECA NA OBRA A FOME

A *Fome* é uma produção do autor Rodolfo Marcos Teófilo, o livro foi publicado em 1890. O autor nasceu no dia 06 de maio de 1853, em Salvador- BA. Mas foi no Ceará que trilhou sua trajetória profissional. Por ser farmacêutico, a sua escrita era

revestida de conceitos e detalhes técnicos, oriundos da área da saúde. Sobre Rodolfo Teófilo, Gadelha (2012, p. 44) afirma:

[...] foi importante farmacêutico no cenário cearense, tendo desenvolvido a produção da vacina antivariólica em sua casa (1901), no seu vacinogêneo particular, e promovido a vacinação da população de porta em porta nos primeiros anos do século XX. Muitas foram suas andanças de porta em porta no Ceará à procura principalmente da população carente. Ao seu trabalho filantrópico estavam associadas contendas políticas familiares/partidárias.

Além das duas atuações na área da saúde, Rodolfo Teófilo escreveu livros em que registrava as desastrosas situações que os cearenses vivenciaram, por causa dos grandes períodos de estiagem. Esta temática lhe era tão significativa que lhe conferiu uma trilogia, da qual fazem parte as obras: *A Fome*, *Os Brilhantes* e *O Paroara* (MOISÉS, 2007).

O período de seca tratado na obra *A Fome* é dos anos 1877-1880. Durante esses anos, a estiagem relatada tornou-se severa e afetava a todos, independentemente da classe social. Na narrativa, grandes fazendeiros perdiam seus gados e os lucros dos seus engenhos. Além disso, viam-se obrigados a libertarem os escravos, por não terem mais como os alimentar. Diante do caos generalizado, aqueles que antes viviam à sombra de seus grandes alpendres, sentiam-se obrigados a enfrentarem o sol escaldante, em busca de melhorias na capital cearense, Fortaleza.

Em *A Fome*, Rodolfo Teófilo descreve um personagem, Manuel de Freitas, ele era um rico fazendeiro, porém a seca dissipou seu gado e plantações; por isso ele decide sair de sua fazenda, junto com sua família, totalizando um número de sete pessoas. Eles saíram da sua terra, a fim de buscarem auxílio na capital cearense, pois a situação era de extrema decadência: “Os gados mortos de sede urravam à beira dos bebedouros com um sentimento que comovia! Era necessário rasgar a terra e arrancar-lhe água das entranhas” (TEÓFILO, 2011, p. 20).

Neste cenário mórbido, Manuel de Freitas, retirante, junto com os seus, é o único da família a ter maior destaque, no que diz respeito à sagacidade, esperteza e domínio próprio. A família dele é constituída por sua esposa Josefa, uma mulher obediente ao marido; três filhos menores de dez anos; e Carolina, que tinha 15 anos.

Além de apresentar as dificuldades enfrentadas pela seca, é possível perceber uma esmerada preocupação do autor Rodolfo Teófilo, em mostrar o que o homem nordestino é capaz de enfrentar para garantir a sobrevivência de sua família.

Partindo do pressuposto que o mais forte sobrevive à seca, o mais forte, no cenário da obra em questão, não é apresentado como o detentor de grandes hectares de terra, mas, o homem que consegue proteger a sua família daqueles que por extrema necessidade, precisam se alimentar, nem que seja de carne humana, por não ter outra opção. E é nesse cenário de dificuldades que um retirante aproxima-se da família de Manuel de Freitas, conforme mostra Teófilo (2011, p. 64)

O faminto não obedecia; e continuava a roer as unhas e a comer as escamas que se desagregavam da pele. Agora fitava o rosto de Carolina perto de si, completamente exposto e alumiado em cheio pela luz da fogueira. Percebia os tons daquela carnação, mas com o apetite de besta esfomeada. As narinas dilatavam-se-lhe mais, fareja, sorve o cheiro daquela carne sadia na qual tem ímpetos de saciar a fome, de rasga-la a dentadas.

Visto que a comida era escassa, devido às consequências da seca, os retirantes tentavam sobreviver a todo custo, mesmo que fosse preciso cometer antropofagia. Na passagem acima, Carolina está sendo desejada para servir de alimento para um homem que padecia de fome. Deste modo a narrativa aborda as dificuldades enfrentadas pela família de Manuel de Freitas, mostrando o que as pessoas são obrigadas a fazer, para tentar subsistir.

Ao registrar a seca, Rodolfo Teófilo nos mostra no seu livro os efeitos que ela produz na região do Ceará. O longo período de estiagem passa a ser apresentado como um fator natural que prejudica uma sociedade inteira. Por consequência, os grandes fazendeiros veem todos os seus bens sendo destruídos, a violência aumenta, pois não tendo como suprir suas necessidades o homem sente-se obrigado a recorrer a atitudes indecorosas e a saúde entra em declínio.

A ausência de alimentos causa uma transformação física sem precedentes, as pessoas passam a aparentar psicologicamente e fisicamente o sofrimento. Teófilo (2011, p. 47) descreve que: “Poucos eram os que não estavam reduzidos à magreza extrema. No leito da estrada encontravam-se, a cada passo, ossos humanos, cuja pele seca e colada os conservava articulados.” Manuel de Freitas foi testemunha de

um cenário caótico e, o que ele presenciou estava mais aproximado de um filme de terror.

Apesar dos aspectos negativos na economia já serem grandes abalos, o autor mostra que a busca do povo pela capital Fortaleza desencadeia resultados agravantes. A superlotação na cidade acontece de forma intensa e rápida e, adicionado a isto, Teófilo detalha na sua obra o alastramento da varíola, que dizimou grande parte da população.

É um cenário de catástrofes, todos padecem. O Governo, que poderia ser o único socorro para a população, não gerencia de forma regular o auxílio. Apenas a alguns homens é dada a tarefa de comissário, responsável por distribuir os mantimentos para os retirantes. Embora esta atividade seja de grande importância, nem sempre os comissários agiam de forma justa, sendo um deles o personagem Simeão de Arruda.

Na obra analisada é possível perceber que todos os problemas da seca são potencializados na capital, pois na cidade, os homens com maiores recursos financeiros, possuem caráter desaprovado e subjugam os necessitados. No interior os homens sofrem, mas não são apresentados como pérfidos. O autor coloca esta disparidade, a fim de valorizar a vida rural e seus benefícios no caráter do homem. Dessa forma, ele mostra que, a maioria dos homens da cidade, quer sempre iludir os sertanejos que são, muitas vezes, considerados como pessoas ingênuas e sem esperteza.

Por meio dos personagens masculinos, o romance traz à tona as variadas performances da masculinidade. Considerando essa pluralidade masculina, faz-se necessário entendermos como ela ocorre, por isso iremos discutir esse processo no capítulo seguinte.

2 REPENSANDO A MASCULINIDADE E SEUS PARÂMETROS

A masculinidade deve ser entendida como um processo de construção. Falamos em processo por ser algo que não é naturalmente apreendido pelos indivíduos. Assim, trata-se de uma dinâmica social. A respeito disso Almeida (1996, p. 162) afirma: “Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres”.

Vale ressaltar, no entanto, que a distinção masculinidade/feminilidade representa um vetor de hierarquia e dominação que na nossa tradição, via de regra, tem se materializado no exercício de poder dos homens sobre as mulheres. Assim, a masculinidade remete tanto a um dado da cultura, quanto as formas com as quais cada indivíduo expressa seu gênero individualmente.

Compreendemos que o personagem masculino elaborado e divulgado por meio da literatura e de outros produtos da arte e da cultura em geral, foi feito para atender objetivos específicos desse meio cultural, o grande problema está na influência que essa imagética irá produzir sobre os sujeitos. Por não se tratar de perfis reais, o homem nunca irá conseguir atingir os padrões veiculados e irá permanecer na busca infinita por eles, mas sem resultados.

Além disso, na sociedade ocidental, há uma tendência em compreender o gênero a partir da ideia de “papeis”, isto é, da distribuição das atividades de acordo com os gêneros. Sobre os papéis que são destinados aos homens Connell (1995, p. 188) assegura que: “[...] o conceito de ‘papel masculino’ tem vários pontos fracos, tanto em termos científicos quanto práticos. Ele não nos permite compreender questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material”.

É fundamental entendermos que a nomeação do papel masculino, não condiz com as pluralidades masculinas. A partir do momento em que são configuradas atividades e as destinam somente aos homens, comete-se um grande equívoco, pois restringe os modelos de masculinidade, limitando-os e deixando de lado as inúmeras variações existentes.

Sendo assim, é necessário questionarmos: Como ocorrem as variações da masculinidade? Como esses padrões podem estar presentes na literatura?

Para respondermos estas indagações, faz-se necessário recordarmos que a representação masculina é fruto de um processo histórico e cultural, algo que foi e continua sendo repensado. Por isso, é importante discutirmos quais fatores configuram o gênero masculino e como acontece a construção do homem. Abordaremos esses aspectos no capítulo seguinte.

2.1 A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

Para falarmos de masculinidade é preciso esclarecermos o conceito de identidade de gênero. Para o senso comum, gênero é algo dado, produzido pela natureza. Todavia, trata-se de algo que vai muito além do fator natural, pois existem aspectos externos que contribuem de forma significativa para a configuração do homem. Assim, O ser masculino ou feminino é um processo de construção. Desse modo, gênero deve ser entendido como padrões sociais estabelecidos e que são executados no dia a dia (CONNELL; PEARSE, 2015).

Desta forma, o gênero pode ser entendido como: “[...] uma estrutura complexa, muito mais complexa do que as dicotomias dos ‘papéis de sexo’ ou a biologia reprodutiva sugeriram” (CONNELL, 1995, p. 189). Essa complexidade deve-se ao fato de que é possível haver, em um único ambiente social, vários modelos de masculinidade, embora existam processos de hierarquização entre eles.

Esta hierarquia masculina faz parte de um processo histórico, não cristalizado. Isso porque, a variação da masculinidade acompanha as transformações sociais, ao passo que reformula as características inerentes ao homem. “Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens” (CONNELL, 1995, p.190).

Assim, é necessário entendermos que para cada cultura há uma definição do que é considerado masculino e quais são os padrões que os homens devem tentar alcançar. Dessa maneira, destacamos que na cultura ocidental, a masculinidade é entendida como atitudes que são executadas pelos homens nas relações de gênero. Sendo as ações inúmeras, é correto utilizar o termo “masculinidades”, esse plural está intimamente relacionado com as esferas do poder, pois em um mesmo contexto

social, podem existir a presença da dominação, marginalização e cumplicidade masculina (CONNELL,1995).

Apesar desta pluralidade existir, faz-se necessário refletirmos sobre a tentativa de definir a masculinidade, podemos pensá-la como uma construção veiculada por meio de imposições, pois os homens são coagidos a agirem segundo os padrões considerados masculinos e a se distanciarem do que é definido como performances femininas. Há uma pressão exacerbada feita por meio das empresas, família e instituições em geral; a fim de que o homem se esforce para atingir os padrões considerados pertencentes à masculinidade (CONNELL, 1995).

Além disso, a masculinidade pode ser conceituada como um mito efetivo da sociedade, desde que, pensemos o mito na mesma perspectiva que Darwin, ou seja, é uma formulação social que apresenta particularidades da vida coletiva (OLIVEIRA, 2004). Portanto, percebemos que a masculinidade surge como um fruto social, ao mesmo tempo que reflete traços da coletividade e é propagado culturalmente.

Ainda na busca pela compreensão da masculinidade, o autor aponta que trata-se de um "[...] ideal de masculinidade, bússola de orientação para a formatação de comportamentos assumidos no Ocidente como autenticamente masculinos só pode ser o resultado de complexas elaborações culturais" (OLIVEIRA, 2004, p. 19).

Por se tratar de uma construção, este padrão é composto de traços expressivos, desde o homem Medieval até o contemporâneo. Com o decorrer dos anos, novas posturas são assumidas e atreladas ao conjunto de ações do gênero masculino.

Uma característica relevante que está enraizada na perspectiva do que é ser masculino, é a necessidade de que o homem deve exercer domínio sobre a mulher, a respeito disso Bourdieu (1999, p.18) afirma:

A força masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça.

Essas formulações legitimam as ações de poder dos homens em relação às mulheres. Nessa perspectiva, a sociedade valoriza o homem e justifica seus atos de subordinarem as mulheres, todavia, precisamos perceber que o homem que tenta

dominar, simultaneamente, é um sujeito que está sob fortes cobranças. Dele são esperadas práticas que correspondam à “cartilha masculina”, embora, deixemos claro que as pressões variam culturalmente.

É imprescindível destacarmos que essa tentativa de normatização das ações dos homens, tem como base a imposição da heterossexualidade. Essa cobrança não surgiu no século XXI, pois no final do século XIX, na tentativa de coagir os homens a serem héteros, cinco características foram elaboradas para nortear a vida sexual, segundo Oliveira (2004, p. 69) as regras eram:

- I. Sexo é algo natural;
- II. O natural é sempre o comportamento heterossexual;
- III. O sexo genital é primário e determinante;
- IV. O verdadeiro sexo é falocêntrico;
- V. Sexo é algo que deve ocorrer de preferência no casamento.

De acordo com essas diretrizes, podemos perceber que havia, e ainda há uma preocupação em fazer com que as relações sejam heterossexuais, e que a masculinidade seja vivida como uma ordenança, que não pode ser questionada, ou desrespeitada. É possível constatarmos que as atitudes praticadas pelos homens, são elaboradas e ensinadas.

Além de subordinar as mulheres, há outro símbolo constitutivo da masculinidade, trata-se da virilidade, por meio dela os homens são impulsionados a serem superiores fazendo uso da força física e moralidade. Sobre isso Bourdieu (1999, p. 20) afirma:

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto equidade do vir, *virtus*, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual- defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc.- que são esperadas de um homem que seja realmente um homem.

Apesar desse padrão masculino está arraigado na sociedade, podemos questioná-lo, no entanto, é necessário que as pessoas percebam a sua existência e o analisem criticamente. Na perspectiva tradicional da masculinidade, o homem era visto como o ser viril e honrado; cuja responsabilidade era nortear a mulher frágil, delicada, insegura e instável.

Até este momento, refletimos que a masculinidade ocorre por meio de imposições, ela deve ser executada por meio das ações, brincadeiras, palavras e posturas, para que seus agentes sejam denominados como homens, tratando-se, desse modo, de um conjunto de performances. Notamos também, a existência de “caixas de masculinidades”, pois a depender da situação, o homem deve se esforçar e tirar da “caixa” a forma como ele deve agir.

Indubitavelmente, muitos que se veem na posição de ter que orientar suas ações por meio da cartilha da masculinidade, não se sentem à vontade e passam a vivenciar um sentimento de inadequação; no que diz respeito à sua identidade masculina (OLIVEIRA, 2004). Cabe à sociedade questionar-se, o homem que é obrigado a executar essas projeções não será um ser desprovido de liberdade de escolha?

Ainda retomando a ideia de caracterizarmos a masculinidade, Almeida (1996, p.163) afirma: “[...] a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado”. Desse modo, é preciso entendermos a masculinidade como resultado de um processo social. Trata-se de uma construção, por isso existe o termo padrões, pois são perfis que são reformulados culturalmente e historicamente. Contudo, mesmo nessa diversidade de perfis masculinos, há um modelo superior que os homens são impelidos a alcançarem é denominado de masculinidade hegemônica.

Este é um padrão que apresenta-se como sendo obrigatório e, por isso, influenciador de muitos homens, porém, mesmo que alguns se esforcem para atingi-lo, ele é inalcançável. Assim, a masculinidade hegemônica legitima a subjugação feminina e subordina as outras performances de masculinidade. Faz-se necessário, portanto, entendermos o seu conceito e de que forma ele é colocado em prática.

2.2 COMPREENDENDO O CONCEITO DE MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Ao falarmos em masculinidades e suas características, é fundamental trazer à tona a masculinidade hegemônica, ela é o perfil central a ser seguido. Almeida (1996, p. 163) afirma: “A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que,

não sendo atingível — na prática e de forma consistente e inalterada — por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador.” Por ser tido como o padrão a ser exercido, a masculinidade hegemônica é o parâmetro primordial da masculinidade.

A masculinidade hegemônica é conceituada como o modelo central que deve ser alcançado, mas a grande maioria não se adequa e faz uso das masculinidades subordinadas. “A masculinidade hegemônica é um consenso vivido. As masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia [...]” (ALMEIDA, 1996, p. 162).

O surgimento do termo masculinidade hegemônica, segundo Connell e Messerschmidt (2013), deu-se a partir da necessidade de repensar a categoria “masculinidade” de modo a considerar as diferentes relações de poder. Para isso, retomou-se o conceito de hegemonia, tal como foi utilizado pelo teórico Marxista, Antonio Gramsci, na sua teoria de Hegemonia Cultural.

Mediante a isso, formulou-se o conceito de masculinidade hegemônica, trata-se de: “[...] um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNEL; MESSERCHIMDT, 2013, p. 245).

Apesar de se tratar de um modelo para o perfil masculino, a masculinidade hegemônica se diferencia das demais masculinidades por ser um padrão considerado elevado, apenas os “homens de honra” conseguem alcançá-lo. Essa hegemonia é constituída de normas praticadas pela minoria, embora tenham sido formuladas para todos os homens; ela legitima o poder masculino, a subordinação das mulheres e elenca o homem genuíno.

Para além disso, a masculinidade hegemônica surge em conjunto com outras masculinidades, ela se constrói com características do coletivo, mas as aperfeiçoa e torna-se um modelo difícil para os homens conquistarem. Nos ambientes sociais, tais como: empresas e escolas, existem pequenos grupos de homens que fazem parte da masculinidade hegemônica, enquanto os outros são subordinados. Isso vai depender dos símbolos que o local social legitima como sendo pertencentes à masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995).

É fundamental elucidarmos que não existe uma masculinidade hegemônica, mas várias, pois cada cultura possui o seu modelo hegemônico. Tratam-se de ações individuais, ou até mesmo, coletivas, por meio delas, o homem estabelece seus relacionamentos dominantes (BARDUNI FILHO, 2018).

Por se tratar de um processo histórico, entendemos que a masculinidade hegemônica ganhou seu espaço na sociedade e conseguiu orientar as ações do gênero masculino. Apesar disso, ela tem sofrido mudanças ao longo dos anos, com a ascensão do feminismo e a estabilização de novas formas de relação sexual; embora, as transformações não alterem a essência que é o homem como ser primordial na esfera social (CONNELL, 1995).

Aos homens são destinados, por exemplo, o domínio e o controle das armas, sendo, assim, beneficiados socialmente, por meio do contexto histórico. Estes benefícios são chamados por Connell (1995) de dividendos patriarcais. Trata-se de vantagens que acompanham os homens, permanecendo visíveis, ao passo que viabilizam o poder de domínio deles.

Por causa dos dividendos patriarcais, os homens continuam ganhando melhor em relação às mulheres, e sendo a maioria nas esferas políticas. Podemos usar como exemplificação o contexto empresarial, nele existe a masculinidade hegemônica que não é cooperativa, pois não facilita à inserção das mulheres na posição de domínio, os homens que não possuem as características necessárias para alcançar a hegemonia masculina, limitam-se a exercer a masculinidade subordinada.

Nessa conjuntura, os homens já crescem sendo estimulados a moldarem-se aos padrões masculinos. Em vista disso, o conceito de masculinidade hegemônica tem auxiliado em estudos da educação, a fim de solucionar os problemas de bullying, principalmente entre meninos. Na área da saúde, foi possível detectar a tendência masculina de se colocar em situações de risco e as dificuldades em cuidar de ferimentos e limitações (CONNELL; MESSERCHIMDT, 2013).

Os autores também afirmam que a masculinidade hegemônica foi bastante elucidativa na criminologia, tornando possível perceber que os homens, por seguirem um padrão de masculinidade, são mais propensos a praticarem crimes específicos, tais como: colarinho branco, estupro, assassinato entre outros. Porém,

os crimes praticados não devem ser vistos como resultados da hegemonia, mas sim pela busca incessante em conquistá-la.

Contudo, é questionável a atuação do homem por meio da masculinidade hegemônica, apesar dela justificar suas ações, há um esforço grande a ser feito. Obrigatoriamente, os sentimentos devem ser deixados de lado e o desejo de dominar deve superar todos os obstáculos. Podemos pensar que, por muitas vezes, deve ser difícil para o homem ter que provar sua virilidade, pois nem todos que são do gênero masculino, são capazes de executar performance com maestria.

Em vista disso, muitos não atingem o perfil obrigatório e se veem sendo julgados como “homens fracos”. A força masculina está baseada em subordinar outros, para mostrar seu potencial. A liderança é uma característica considerada pertencente ao homem, a ele cabe comandar o seu local de trabalho, sua casa e seus relacionamentos.

Acrescenta-se também a isso, as ações das mulheres em solidificar a masculinidade hegemônica. Em muitos casos, são as mulheres que pressionam os homens a se esforçarem para se comportarem segundo a masculinidade hegemônica. Isso acontece quando a mãe obriga seu filho a não chorar ou demonstrar afeto; quando a esposa se recusa a buscar sua independência, pois atribui ao marido a provisão no lar; ou nas relações afetivas em que a mulher espera do homem a iniciativa.

Outro fator importante a ser destacado sobre a masculinidade hegemônica é que ela pode ser analisada em três níveis: local, regional e global. De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica local é construída por meio das características da comunidade, levando em consideração os aspectos morais e, sobretudo, a interação nas famílias.

O nível regional, por sua vez, é mais amplo e é formulado por meio das particularidades masculinas pertencentes à cultura do estado-nação, portanto são características da coletividade.

No que diz respeito ao terceiro nível, ele é nomeado pelos teóricos como masculinidade hegemônica global, esse parâmetro, por sua vez, é o mais abrangente, visto que o perfil global é formado a partir de traços masculinos que ultrapassam as fronteiras nacionais, está intimamente relacionado com a globalização, pois as performances associadas a esse padrão são veiculadas e

legitimadas pela mídia, comércio e política transnacionais. Embora os autores especifiquem os três níveis, eles afirmam que há uma relação de disputa e contraste entre eles.

Todas as diversidades masculinas parecem ser um grande desafio, mas elas disponibilizam inúmeras possibilidades para a vida dos homens. Cabe a eles decidirem a melhor performance a ser adotada. Todavia, é necessário perceber que há uma obrigatoriedade, pois o homem deve elencar uma das facetas masculinas para ser identificado como pertencente ao gênero.

Levando em conta as pluralidades hegemônicas masculinas inerentes à cultura, a literatura apoderou-se dessas inúmeras formas e projetou-as nas suas produções. Com isso, é possível encontramos, por exemplo, livros que tratam da masculinidade, mesmo que, em muitos casos, esta abordagem não seja tão explícita. Já na obra *A Fome*, percebemos que existe uma preocupação em mostrar as masculinidades em um cenário de seca e dificuldades, especificamente, é notório identificarmos por meio do aparato teórico, a presença da masculinidade hegemônica local. Por conseguinte, faz-se necessário abordarmos como a masculinidade hegemônica configura-se na região do semiárido cearense.

2.3 A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA DO SEMIÁRIDO CEARENSE

Considerando a masculinidade hegemônica local do homem nordestino e cearense, especificamente, pertencente à região do semiárido, temos um perfil hegemônico diferenciado dos demais, isso acontece devido à singularidade do cenário em que ele se encontra. Temos nesse contexto a escassez de chuva e suas consequências na economia, segurança e saúde.

Desse modo, o homem que faz parte dessa realidade local, tem um molde a seguir, um padrão que lhe orienta e mostra quais ações ele deve executar. “O nordestino, portanto, fruto de uma história e uma sociedade violenta, teria como uma de suas mais destacadas características subjetivas a valentia, a coragem pessoal, o destemor diante das mais difíceis situações” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 176).

Sendo assim, a masculinidade hegemônica do homem do semiárido está intimamente relacionada à sua força física, a luta para conservar a honra da família, e força de vontade para alimentar os seus; em meio a um cenário de seca e sofrimento. Esta hegemonia, como as demais, não será alcançada por todos, alguns se aproximam dela com grande dificuldade, mas a maioria passa a praticar as masculinidades subordinadas.

No que diz respeito à honra, para alcançá-la, os homens devem ter relacionamentos heterossexuais, casarem com uma esposa “honesta” e ser o provedor da família.

Este perfil masculino hegemônico é baseado no patriarcalismo, considerando o homem como o único que irá sair para trabalhar. Por sua vez, a mulher é ensinada a cuidar dos serviços domésticos e dos seus filhos, afinal, a pressuposta ausência de sentimentos do pai para com os filhos deve ser sanada pela mãe. Pelo pai, os filhos devem ter respeito e temor.

Desta forma, os homens que tentam alcançar o perfil hegemônico são considerados homens honrados, todavia, existem os que são considerados como contratipos. Eles são homens que não buscam honrar as mulheres, nem a si mesmos, apenas querem agir de acordo com seus instintos. Sobre isto Machado (2004, p. 56) afirma:

As categorias de masculinidade transitam, paradoxalmente, entre, de um lado, o homem *bicho danado*, não domesticável, irresponsável, perigoso para as mulheres, não confiável; e, de outro, o *homem honrado* que, em nome da responsabilidade face à parentela em que se insere, tem o poder e o dever de controlar suas mulheres (inclusive usando violência física) e de defender (inclusive usando força física) a honra das “mulheres” contra homens que delas se aproximam de forma considerada inadequada.

Assim, o homem, caracterizado como: *bicho danado* está tentando executar sua superioridade, mostrando-se indomável e detentor de sua liberdade. Já o *homem honrado*, esforça-se para garantir a sua honra e das mulheres que fazem parte da sua família. Trata-se, também, de uma questão de domínio, mostrar para a sociedade que é capaz de proteger os seus.

Os símbolos pertencentes à masculinidade hegemônica do semiárido são legitimados culturalmente, inclusive por meio da literatura. Muitos cordéis, por exemplo, fazem alusão à valentia, ao derramamento de sangue, sobretudo, as lutas

pela conservação da honra, a fim de conservá-la são capazes de matar ou morrer (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013).

Estes símbolos reunidos configuram a masculinidade hegemônica local, fazendo parte de um contexto específico. Foi elaborada, reformulada e propagada de acordo os aspectos sociais e econômicos desta região.

É importante ressaltarmos que a hegemonia tem origem no período de ocupação colonial, neste período os homens do semiárido conviviam com uma necessidade de defesa diária, pois os inimigos não faltavam: “A luta contra o índio era a luta pela conquista da terra, de propriedades, que serão posteriormente defendidas de outras ameaças de invasão, inclusive, por parte de outros brancos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 175). Neste cenário, havia uma necessidade de defenderem as suas posses, a sua influência e impor o seu domínio.

Em virtude disso, o interesse em dominar se perpetuou e legitimou-se. Estabelecer o domínio é algo comum entre as masculinidades hegemônicas. Para exemplificação temos, no contexto nordestino, os coronéis que exerciam, enfaticamente, seu domínio sobre a família, empregados e a vizinhança.

Além dos símbolos força física e honra, podemos destacar, também, como elemento constitutivo da masculinidade hegemônica local: a virilidade. Os detentores da virilidade são aqueles que possuem força: física, mental, moral; trata-se de exemplo de caráter (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013).

Desse modo, o homem viril é capaz de comandar, ser respeitado pela família e pelas pessoas que o cercam. No ambiente de grandes dificuldades causadas pela seca, os homens destacam-se por não se amedrontarem e buscarem soluções em meio às dificuldades; na constante busca em atingir o padrão hegemônico.

Assim, o homem viril é responsável, provedor. Mesmo com as dificuldades da seca, ele encontra maneiras de alimentar a família, mostrando que consegue superar todas as dificuldades. Até porque, não basta ser forte e destemido, é necessário mostrar isto para a sociedade (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013).

Para além do homem viril, responsável e provedor, temos como característica universal das masculinidades, o desesperado anseio em subjugar as pessoas. Para que a virilidade seja colocada em prática é preciso ter filhos temerosos, mulheres

submissas, escravos; ou seja, todo um contexto frágil para que o homem sinta-se pleno em sua masculinidade hegemônica.

Todavia, podemos questionar se toda a necessidade desenfreada em estabelecer o domínio, não esteja escondendo um medo em ser dominado. Se os símbolos da masculinidade hegemônica do semiárido conservam-se, muitas vezes, por meio da força física, ela pode ser entendida por nós como algo inconstante, mutável; que facilmente pode perder-se.

A responsabilidade em conseguir alimentar a família sozinho, talvez, esconda o receio de depender da ajuda da mulher ou de outros fatores. Da mesma forma, a virilidade e honra são postos como fatores de potência masculina, mas questionamos se no processo de construção simbólica do perfil masculino, estão implícitos fragilidades e lacunas que são pertencentes a todo ser humano.

Diante da exposição dos símbolos da masculinidade hegemônica masculina nordestina, vamos analisar no próximo capítulo, como esses aspectos são apresentados, por meio dos personagens, na obra *A Fome*.

3 ANÁLISE DO PERFIL MASCULINO DOS PERSONAGENS MANUEL DE FREITAS E SIMEÃO ARRUDA

A *Fome* é uma obra que trata de diversas temáticas, contudo elencamos as performances da masculinidade para esta análise. Ao lermos o livro, nos foi possível perceber que Rodolfo Teófilo descreveu Manuel de Freitas como protagonista e Simeão de Arruda como o antagonista.

O cenário apresentado é devastador, pois a seca estava deixando suas marcas no Ceará. Os habitantes do interior, por questão de sobrevivência, viam-se obrigados a buscarem auxílio em Fortaleza, CE.

Neste contexto surge Manuel de Freitas e sua família. Por causa da severa seca, eles passam a fazer parte dos retirantes rumo à capital. Ele, como chefe da família, passa a ter que nortear os seus em uma viagem bastante perigosa e cheia de obstáculos.

Ao chegarem na capital, eles percebem que as dificuldades permanecem, principalmente, quando a família de Manuel de Freitas conhece o comissário, Simeão de Arruda. Ele tinha a responsabilidade de distribuir os socorros públicos, porém era desonesto e não cumpria corretamente o seu trabalho. É descrito por Rodolfo Teófilo, como sendo um homem ambicioso, egoísta e obstinado.

Os personagens Manuel de Freitas e Simeão de Arruda são apresentados de forma distinta, embora façam parte do gênero masculino. Isso é legitimado, entre outros aspectos, pela pluralidade de masculinidades. Cada um deles foi caracterizado como sendo detentor de perfis que os distanciam. Mostrando que é possível exercerem a masculinidade de diferentes formas.

Diante disso, estabelecemos comparações entre esses dois personagens a fim de destacar como eles são projetados por Rodolfo Teófilo, fazendo uso de padrões masculinos antagonicos. A oposição nos permite identificar que, embora a masculinidade hegemônica exerça influência sobre todos os homens, poucos estão dispostos a tentar alcançá-la.

Porém, antes de discutirmos sobre a oposição que existe entre eles, podemos encontrar um aspecto da masculinidade hegemônica que os aproximam. Inicialmente, a similaridade que destacamos dos personagens Manuel de Freitas e Simeão de Arruda está na influência social que eles exercem.

Manuel de Freitas, fazendeiro no interior do Ceará, pertencia a uma antiga família importante do sertão, herdara do seu pai uma pequena quantia e domínio eleitoral na sua região. Simeão de Arruda, morador da capital Fortaleza, havia recebido o cargo de comissário, cuja função era distribuir os socorros públicos, tinha capangas à sua disposição e era envolvido nas questões políticas, sendo caracterizado como bom cabo eleitoral (TEÓFILO, 2011).

Por causa das mazelas caudas pela seca, os familiares de Manuel Freitas passaram a ser as únicas pessoas que ele podia subjugar, pois os escravos tinham fugido e nada mais de sua riqueza lhe restava. “Josefa ouviu a ordem do marido e não replicou. Arrumadas na maca as roupas indispensáveis, uma muda e redes, distribuídas alpercatas a todos, fechou-se a porta e seguiu a caravana” (TEÓFILO, 2011, p. 29).

Por outro lado, na narrativa a família do personagem Simeão de Arruda é pouco apresentada, a ênfase no seu exercício de poder se dá em relação aos criados. Ele tinha homens que faziam seu trabalho desonesto e que não temiam ajudá-lo a desviar o dinheiro público. “- A mudança pode ser hoje mesmo. À tarde mandarei os meus criados para mudá-lo” (TEÓFILO, 2011, p. 189).

Embora os personagens apresentem o mesmo perfil de dominadores, ela é exercida de forma diferente. A dominação de Manuel de Freitas é baseada no respeito e submissão que a família tem por ele. Por outro lado, Simeão de Arruda, consegue dominar os homens por meio do dinheiro, ele usa os recursos públicos de forma desonesta para conseguir seus objetivos.

No que diz respeito às características que lhes são contrárias, Manuel de Freitas é detentor de um porte físico considerado pela masculinidade hegemônica, como o ideal. Teófilo (2011, p. 17) o apresenta da seguinte maneira:

A musculatura estava reduzida, mesmo assim ninguém duvidava que os braços daquele homem pudessem sustentar um touro pelos cornos. A caixa torácica bastante larga e bem conformada guardava os órgãos mais importantes da vida são e vigorosos. Naquelas formas não havia um traço que não denotasse virilidade. Os tons de tristeza, carregando-se até aos matizes da nostalgia, assentavam mal naquela figura máscula.

Nas grandes adversidades rumo à capital Fortaleza, por muitas vezes, Manuel de Freitas precisa fazer uso da sua força física para proteger a família. Toda

a dedicação que o autor usou para mostrar o perfil físico de Manuel de Freitas, não ocorre em Simeão de Arruda, este é descrito da seguinte maneira: “Tem trinta anos e estatura regular. O rosto é alvo e descarnado, os olhos azuis e vivos, enfeitado por uma barba à inglesa, ruiva como a espessa cabeleira” (TEÓFILO, 2011, p. 156).

Simeão de Arruda e Manuel de Freitas são antagônicos a começar pelo porte físico, inúmeros são os atributos destinados para este, sempre apresentado como superior aquele. Porém, Freitas é colocado em situações que ele precisava ter um físico saudável para conseguir alimentar sua família.

Ao analisarmos o aspecto responsabilidade, em toda a narrativa o fazendeiro é colocado como um homem que acredita ter a função de providenciar água, comida e abrigo para a família, mesmo que isso lhe seja muito difícil. Após poucos dias de peregrinação, a água acaba e todos estão com sede. Freitas sai à procura de suprir a sede, vejamos: “Freitas caminhava por aquele labirinto de veredas confiado em seu tino de bússola. [...] pendurou-se ao cipó e sua musculatura ágil e forte em um instante pô-lo no vértice da rocha” (TEÓFILO, 2011, p. 35-36).

O personagem aventurou-se na mata para procurar água. No meio dela achou um oásis, cuja fonte de vida estava dentro de uma gruta. O narrador apresenta Manuel de Freitas como um homem hábil e perspicaz, ele conseguiu chegar à gruta e ao se deparar com a onça-pintada que habitava nela, ele não mediu esforços e a atacou sem medo. A luta apesar de ter dois oponentes fortes, tem por campeão o fazendeiro que é impulsionado pelo desejo de sobreviver com os seus. Freitas retornou para a casa, onde sua família estava, levou consigo o animal morto e a água que havia encontrado na gruta.

Diferentemente, temos Simeão que não faz esforços para conseguir os recursos para sua sobrevivência, por estar em um cargo de comando, ele usufrui o dinheiro e os recursos que deveriam ser destinados para os necessitados. “[...] o seu primeiro passo seria no sentido de conquistar o coração de Carolina, depois de granjear a simpatia e gratidão dos pais com repetidos favores” (TEÓFILO, 2011, p. 163).

Desta forma, Simeão de Arruda só compartilhava os socorros públicos, com as pessoas que ele desejava receber algo em troca. Passou a ajudar a família de Manuel de Freitas, porque tinha interesse em ter relações sexuais com a filha do fazendeiro: Carolina.

E, é neste contexto de conquista que mais um símbolo de masculinidade hegemônica dos personagens vem à tona, a honra. Em todo momento, Freitas tenta conservar-se um homem “honrado” que cuida da família, sobretudo, mostra-se atento aos favores que Simeão de Arruda faz para Carolina.

Percebemos que a narrativa mostra que Manuel de Freitas nunca gostou de Simeão de Arruda, mesmo recebendo, no início, grandes ajudas do comissário, ele entendia que havia algo de enganoso, que não era certo e sentia que Arruda havia de querer algo em troca da ajuda. Não via o comissário como seu ajudador, pelo contrário, sentia que tudo que recebia dele, o inutilizava, o fazia menos homem, humilhava-o.

Ao entender que o comissário queria “desonrar” sua filha, Manuel de Freitas prefere sair da casa que havia recebido e morar com sua família à sombra de uma árvore. Durante todo o tempo em que recebeu ajuda do comissário, Freitas ficou doente, pois entendia que aquela situação para ele, não era correta: “[...] abandonado somente ao recurso aviltante da esmola, sentiu-se degradado para sempre” (TEÓFILO, 2011, p. 200).

Após conseguir sair com sua família da casa que Arruda havia dado, Freitas sente-se liberto e declara: “A misericórdia de Deus livrou-nos de ser a nossa honra ultrajada, Josefa, fez-nos conhecer o perigo a que estávamos expostos, sob a proteção de um homem sem consciência” (TEÓFILO, 2011, p. 267).

Para o fazendeiro, o tempo em que esteve dependendo da ajuda de Arruda, foi uma escravidão, embora a ajuda fosse necessária, Manuel de Freitas sentia sua “honra” sendo atacada. Sair da casa fornecida por Simeão de Arruda foi para ele uma libertação e preservação da família.

Contrariando todo esse perfil hegemônico nordestino de homem honrado, temos Simeão de Arruda. O comissário é casado, mas, inúmeras vezes mente e afirma que é solteiro. É um homem dado as orgias. Na obra, ele é retratado como uma pessoa responsável por abusar das retirantes vulneráveis; por elas estarem desamparadas, sem a presença dos pais e sem dinheiro.

Ele ainda tentou raptar Carolina, mas como não conseguiu fez outra vítima, Vitorina. “Simeão ouviu as informações sem comover-se. Não bebeu mais, era preciso conservar a inteireza física. Não seria Carolina a vítima; seria Vitorina” (TEÓFILO, 2011, p. 218).

A personagem Vitorina era uma retirante que havia perdido os pais e foi obrigada a participar da orgia que Arruda havia organizado; era virgem e estando no recinto de depravação moral organizado pelo comissário, foi dominada e violentada.

Para não abrir mão de sua virilidade, Arruda abusou de Vitorina, para ele era uma questão de assegurar sua masculinidade. Afinal, seguindo uma tradição patriarcal, ele acreditava ter o direito sobre as mulheres. Percebemos, mais uma vez, a concretização das diferentes masculinidades. A virilidade que Arruda faz uso é caracterizada por querer manter o domínio, mostrar-se um ser forte, trair sua esposa, subjugar seus capangas, ter relações com as mulheres que ele desejasse e desviar o dinheiro público da maneira que lhe conviesse.

Em contrapartida, o personagem Manuel de Freitas coloca em prática sua virilidade em favor da sua família. Após ter saído da casa do comissário, Freitas vai trabalhar na pedreira. Era um trabalho árduo e, principalmente, para os que não eram jovens. Assim, percebemos que, apesar da idade, Freitas é apresentado como detentor de força física e mental, em nenhum momento deixou-se abater pelas situações, a não ser nos dias em que recebia esmolas. No momento em que ele passa a trabalhar para sustentar a família, ele sente-se renovado e esperançoso e afirma: “Amo a liberdade, me apraz a solidão, porque sinto que me vivifica as forças” (TEÓFILO, 2011, p. 270).

Dessa maneira, notamos que os perfis masculinos dos personagens são diferentes. Analisando esses perfis, é notório que ambos fazem uso da masculinidade que lhes convém para a situação. Freitas comanda sua família, não tem medo dos perigos ao seu redor, faz de tudo para garantir a sobrevivência dos seus, enquanto Arruda pensa apenas nos seus benefícios, não se preocupa com a família, nem com os sertanejos, para quem ele deveria distribuir a assistência.

No desdobramento dessa temática, temos dois homens com suas masculinidades distintas. Sendo ambos viris, estão dispostos a tudo para alcançar seus objetivos. Os perfis masculinos, no entanto, se afastam em questões morais e éticas, justificando assim a existência de padrões de masculinidade e que estes são representados na obra através de personagens enquadrados como tipo e contratipo.

O personagem Manuel de Freitas é construído pelo autor para ser um modelo da masculinidade hegemônica nordestina. Seu perfil é de homem honrado que não se deixa abater pelas circunstâncias. Em oposição a ele, Simeão de Arruda é

caracterizado para representar outro perfil de masculinidade, sendo esse desqualificado na narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Connell e Pearse (2015), conceituarmos gênero como algo que já é pronto, porém, como já mencionamos, esta é uma questão que vai além da genética. Ao termos essa assertiva em mente, temos que entender que a masculinidade é construída, não é algo pronto, várias são as performances que os homens são submetidos a exercerem, para que sejam considerados masculinos.

Além disso, mencionamos que há uma pluralidade masculina que estende-se em três níveis local, regional e global, apesar disso enfatizamos que há uma masculinidade hegemônica. Ela exerce influência sobre os homens, e os que tentam alcançá-la são vistos como tipos corretos, por sua vez os que se opõem a praticá-la são denominados de contratipos masculinos.

Ao fazermos a análise da obra *A Fome*, vemos que o autor Rodolfo Teófilo apresenta por meio dos personagens Manuel de Freitas e Simeão de Arruda a pluralidade masculina. Assim, Manuel de Freitas é caracterizado dando ênfase a alguns símbolos do homem do semiárido cearense, mostrando que suas ações são legítimas e dignas de um herói, pois mesmo em meio a tantas adversidades, ele sempre consegue ajudar sua família.

Por outro lado, Rodolfo Teófilo constrói Simeão de Arruda com características que o configuram como anti-herói, o personagem não faz esforço para exercer os símbolos masculinos denominados como pertencentes à masculinidade hegemônica do homem do semiárido. Ele é o opositor a Manuel de Freitas.

Dessa maneira, ao descrever os personagens de forma antagônica, Rodolfo Teófilo nos mostra qual padrão deve servir de modelo para os homens que querem ser valorizados socialmente. A oposição dos personagens é uma representação de aspectos masculinos pertencentes a cultura do semiárido. A valorização de um ser masculino em detrimento de outro, nos mostra que Rodolfo Teófilo quis deixar registrado suas impressões sobre o pluralismo masculino e qual deles deve ser colocado em prática.

Por conseguinte, a partir desta pesquisa esperamos contribuir para que novas reflexões aconteçam, não apenas sobre a obra *A Fome*, mas que trabalhos que estão tendo como base obras com aspectos regionais, possam perceber a existência do perfil hegemônico.

Entendemos, portanto, que a literatura é um meio de produzir e propagar a cultura, pois faz isso de maneira estratégica através dos enredos, por exemplo, e de personagens. Identificar a temática da masculinidade na obra *A Fome* foi de grande relevância, pois nos ajudou a refletirmos sobre o processo de masculinidade local e entendermos a posição do autor em relação aos personagens que buscam o perfil hegemônico e os que não têm preocupação em alcançá-lo.

Em síntese, esperamos ter mostrado aspectos de como a teoria da masculinidade hegemônica pode associar-se a literatura. Somos cientes de que o nosso trabalho tratou apenas de alguns símbolos masculinos do homem do semiárido e que existem outros que podem ser explorados pelas pesquisas que objetivam revisitar obras regionalistas a partir dessa temática.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Nordestino**: invenção do “falo”. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. **Revista Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, v. 95, p. 161-189, 1996.

BARDUNI FILHO, JAIRO. Masculinidades: um conceito em movimento. In: _____ (Org.). **Poetas, agricultores, boêmios, esportistas, delicados**: um jogo de masculinidades. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. p. 39-62.

BOURDIEU, PIERRE. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CONNELL, Robert William. Políticas da Masculinidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, RS, jul./dez., p. 185-206, 1995

_____; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista: Estudos Feministas**, Florianópolis: jan./abr., p. 241-281, 2013.

CONNELL, Raewyn; Pearse, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2015.

CORBIN, ALAN; COURTINE, Jean- Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

GADELHA, Georgina. **Sob o signo da distinção**: formação e atuação da elite médica cearense (1913-1948). 2012. 137f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/teses/tese_georgina_gadelha.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2019.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHUPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004, p. 35-78.

MOISÉS, MASSAUD. **História da Literatura Brasileira**. Realismo e Simbolismo. 5. ed. v. 2. Ipiranga: Cultrix, 2007.

TEÓFILO, Rodolfo Marcos. **A Fome**. São Paulo: Tordesilhas, 2011.